

Posturas políticas e educacionais no *História do Brasil* (1932), de Murilo Mendes

Fernando Tadeu Triques¹

RESUMO

O livro *História do Brasil* (1932), de Murilo Mendes (1901/1975), apresenta 60 poemas que versam sobre situações satíricas, rebaixando ou reduzindo posições e dando novas referências e, assim, realizando outra leitura da história do Brasil. No entanto, por atender a predileções, o livro acaba sendo preterido pelo próprio autor quando da elaboração de sua antologia de 1959. Ao longo do livro, a sequência de poemas apresenta semelhanças com um desfile carnavalesco. Destaque para os poemas: “Hino do deputado”; “Teorema das compensações”; “Embarque do papagaio real”; “Linhas paralelas”; “Amostra da poesia local”; “Amostra da ciência local” e “Soneto do dia 15”.

Palavras-chave: Sátira; Modernismo; Murilo Mendes; História do Brasil; Carnaval.

ABSTRACT

The book *História do Brasil* (1932), by Murilo Mendes (1901/1975), presents 60 poems that deal with satirical situations, lowering or reducing positions and giving new references and, thus, carrying out another reading of the history of Brazil. However, because it caters to predilections, the book ends up being passed over by the author himself when preparing his 1959 anthology. Throughout the book, the sequence of poems presents similarities with a carnival parade. Highlight for the poems: “Hino do deputado”; “Teorema das compensações”; “Embarque do papagaio real”; “Linhas paralelas”; “Amostra da poesia local”; “Amostra da ciência local” and “Soneto do dia 15”.

KEY WORDS: Satire; Modernism; Murilo Mendes; History of Brazil; Carnival.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com a dissertação intitulada “Desleitura de *História do Brasil* (1932), de Murilo Mendes”, sob a orientação do prof. Dr. Wilton José Marques, realizada em 2016. Doutorando no mesmo programa, sob a mesma orientação, com a abordagem de *Novas cartas chilenas* (1956), de José Paulo Paes, em 2018. E-mail: fernando.triques@estudante.ufscar.br Orcid: 0000-0002-8025-8268



1. O destaque de uma preterição

Vamos tocando assim mesmo,
Nosso dia há de chegar.
A terra e a gente são boas...
Deus até nasceu aqui.²

O livro *História do Brasil* (1932), de Murilo Mendes (1901/1975), apresenta 60 poemas que, organizados cronologicamente, transitam por episódios e destacam vultos da historiografia contidos nos manuais didáticos divulgados e ensinados nas escolas e que estão consolidados no ideário popular. Os poemas expressam situações satíricas, rebaixando ou reduzindo conceitos e posições, invertendo, parodiando, quebrando ou até mesmo estabelecendo novos valores e normas e, assim, realizando outra leitura da história do Brasil.

A epígrafe acima transcrita dá o tom irônico e, de certo modo, melancólico, que permeia o livro ao expressar, na voz de uma *persona* satírica, o conformismo religioso e a complacência política de grande parte dos brasileiros em relação aos desígnios e às opções da sua própria história.

Em 1959, quando da organização do livro *Poesias (1925-1955)*, editado pela José Olympio, o próprio Murilo Mendes não incluiu o *História do Brasil* na sua antologia. Depois da primeira edição, pela Ariel Editora, o *História do Brasil* só voltou a público em 1991, pela editora Nova Fronteira, com apresentação e notas de Luciana Stegagno Picchio. Em 1994, a Nova Aguilar fixou *Poesia completa e prosa*, com compilação e sob a responsabilidade da mesma estudiosa – um extenso volume, de mais de 1700 páginas, no qual o livro em questão está inserido.

De maneira sintomática, no prefácio da sua antologia, Murilo Mendes esclarece:

Excluí as poesias satíricas e humorísticas que compõem a '*História do Brasil*', pois, a meu ver, destoam do conjunto da minha obra; sua publicação aqui desequilibraria o livro. [...]. Procurei obter um texto mais apurado, de acordo com minha atual concepção de arte literária. Não sou meu sobrevivente, e sim meu contemporâneo.³

² De *História do Brasil* (1932), "LVIII – Discurso do Filho do Jeca" (MENDES, 1994: p.188 - 189).

³ Texto de abertura da antologia *Poesias (1925-1955)*, intitulado "Advertência" (MENDES, 1959, p. XIX).



Ser contemporâneo é estar sintonizado com o tempo da ação, adequando-se aos parâmetros específicos daquele momento tomado como atual e, nesse sentido linear, biunívoco, Murilo Mendes mostra-se consciente da escolha – ao invés de prender-se ao já experimentado, sugere uma operação dinâmica e transitória, na qual sua trajetória poética está sempre sendo inovada.

Avesso à postura gregária, Murilo Mendes sempre procurou o intempestivo e original, expressando uma dissociação entre o cultuado e o *démodé*, o está para ser e o que ainda é. Soma-se a isso sua irrequieta precessão estética, que varia do sitiado em Juiz de Fora - MG, sua terra natal, ao sideral, das múltiplas experiências existenciais.

Cabe cogitar, então, no específico da atitude do autor em relação ao *História do Brasil*, se o verbo preterir assume o sentido de não dar importância, desprezar, rejeitar, prescindir de, omitir ou, por outra, o de ir além, superar, ultrapassar? Ao não incluir, Murilo Mendes atribuiu ambíguo destaque ao livro. Seja como for, sua ação denota direta transitividade, marcando um período biográfico de intenções e de atitudes recorrentes que se perdem no alhures da subjetividade.⁴

2. Convocações, desdobramentos e estratégias – ou seriam meras especulações?

Infere-se que, no início do anos 1930, a postura de loquaz convertido religioso, com seríssimas pregações⁵, e também de funcionário do governo, na equivalência diplomática de

⁴ Murilo Mendes, no ano de 1957, tornou-se professor de cultura brasileira na Universidade de Roma, cidade onde residiu até 1975, ano em que faleceu. Praticamente, passou os últimos 18 anos de vida no exterior. Morreu e está sepultado em Lisboa. É de se considerar que, no conjunto da obra de Murilo Mendes, a distância geográfica assumida pelo autor após se ter locado na Itália contribuiu ainda mais para afrouxar a intimidade de sua produção literária junto ao público brasileiro, restringindo recepção crítica e difusão mercadológica.

⁵ Em 1921, Murilo Mendes travou amizade com Ismael Nery (1900/1934), artista plástico e poeta, natural de Belém do Pará, criador da doutrina de inspiração católica, chamada Essencialismo. As identidades entre o mineiro e o paraense eram tão fecundas que, quando da morte precoce de Ismael Nery, Murilo Mendes foi tomado de transe durante o velório e, irremediavelmente, se converteu ao Catolicismo. Amigo de ambos, o médico e escritor Pedro Nava (1903/1984), juiz-forano como Murilo Mendes, descreve o episódio, ocorrido em 6 de Abril de 1934, em seu livro memorialista intitulado *O círio perfeito*: “[...]Quando três dias depois ressurgiu para os homens, tinha deixado de ser o antigo iconoclasta, o homem desvairado, o poeta do poema piada e o sectário de Marx e Lenine. Estava transformado no ser ponderoso, cheio de uma seriedade de pedra e no católico apostólico romano que seria até o fim de sua vida. Descrevera volta de cento e oitenta graus. Sua poesia tornara-se mais pura e trazia a mensagem secreta da face invisível dos satélites” (NAVA, 1983, pp. 315-



adido cultural, determinaram a necessidade de preservar o decoro de homem público – talvez um capuz de “engraçado arrependido”⁶, na tangência do conto de Monteiro Lobato. Parece irrefutável que os objetivos editoriais do autor já eram outros, distintos dos da juventude e dos primeiros tempos do Modernismo, porque buscava difusão internacional para suas obras – no entender de Luciana Stegagno Picchio⁷, e o conjunto dos poemas pauta-se por preocupações locais, sócio-políticas e culturais, mundanas e materiais, articuladas pelo decalque risível e de circunstância.

Um exemplo desse suposto incômodo que corrobora o provável juízo estético de Murilo Mendes ao preterir o livro é o poema “XLIII – Hino do Deputado” (MENDES, 1994: pp. 177-178), o qual desvela as eternas artimanhas de um “jeitinho” brasileiro de ser, pondo a público trejeitos e anseios de grande parte dos que usufruem das oportunidades geradas pelas esferas de poder:

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,
Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
05 A vida é vida renhida,
Não é sopa, é um buraco.
Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
10 Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
15 Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,

319).

⁶ Ao jeito e forma característicos, no livro *Urupês* (1918), Monteiro Lobato (1882/1948) apresenta “O engraçado arrependido”, originalmente publicado na “Revista do Brasil”, em 1917, um instigante conto a respeito das iniciativas cômicas da personagem Sousa Pontes, um humorista renomado que resolve trocar o riso pelo sério e que acaba sofrendo com todas as retrações da opinião pública (LOBATO, 1984, pp. 25-35).

⁷ Em “Pequena História da *História do Brasil* de Murilo Mendes”, a estudiosa supõe que o livro, calçado no lema do “vamos descobrir o Brasil”, já não cumpria com os interesses momentâneos do autor: “na altura era talvez inexportável [sic]”. In: *História do Brasil* - organização e notas de Luciana S. Picchio. (MENDES, 2004: p. 5).



Sem perna, braço, nariz.

- 20 Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir
- 25 Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.

O poema faz paródia da “Canção do Tamoio”, da obra *Últimos cantos* (1851), de Gonçalves Dias, e no distanciamento característico, ao mesmo tempo em que retoca a cadência rítmica do original, a *persona* aconselha oportunismo, bem como pejorativo jogo de aparência e atitude manhosa. São valores considerados opostos aos destilados pela matriz romântica utilizada e que, no entanto, demonstram esperteza dentro do ideário popular – e, assim, satiricamente, Murilo Mendes redireciona vícios recorrentes na prática política e no convívio social, especialmente, da cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal e antigo reduto tamoio⁸.

A assertiva popular “é dando que se recebe” integra-se perfeitamente ao “quem não chora não mama”, caracterizando traço típico de parte da classe política brasileira. Tacitamente, tais ditados acolhem posturas privadas e públicas, recorrentes ao repertório moral dos brasileiros: induzem aos cômodos benefícios; caso contrário, como cidadão comum, vivendo as contendas e agruras do dia-a-dia, o “deputado” estaria “caceteando”, “assinando promissória”, “vendendo imóvel”, ou jogando no bicho (“esperando algum tigre”) ou, ainda, em derradeiro desespero, cometendo suicídio (“dando um tiro no ouvido”); tudo no enfrentamento da “vida renhida” – o que, convincentemente, não representa nada daquilo que é considerado altaneiro e exemplar. Por fim, para reforçar a postura satírica, a palavra “hino”

⁸ O termo tamoio vem do tupi “*tamuya*” e significa “avó”, “antepassado”, indicando os mais antigos habitantes da região – de Bertioga- SP até Cabo Frio- RJ – e os que mais prezavam usos e costumes tupinambás (BOUDIN, 1978, p. 241). A tribo é motivo central no poema épico *Confederação dos Villegainhon* (1856), de Gonçalves de Magalhães (1811/1882), e igualmente idealizada na pintura “O último tamoio” (1883), de Rodolfo Amoedo (1857/1941), que ilustra a morte do chefe Aimberê nos braços de um padre.



que etimologicamente traz a ideia de canto glorioso ou elogioso se posta com valor invertido, desprezando méritos e exaltando soluções tacanhas ou circunstanciais.

Os desdobramentos satíricos promovidos por Murilo Mendes desacomodam os padrões, principalmente por estarem ligados às obras didáticas adotadas nas escolas do início do século XX que, com seus pontos ou capítulos exigidos em sabatinas, eram o excelso exercício do aprendizado da história pátria⁹.

A convocação publicitária da editora Ariel feita por Aníbal Machado logo após a publicação do livro¹⁰ serve para ilustrar as burlas poéticas praticadas por Murilo Mendes. Diz o crítico que os leitores deveriam evitar a leitura porque a *História do Brasil* ideada e promovida se faz “mais fiel que a de Rocha Pombo¹¹, mais sintética que a de João Ribeiro¹², e a única verdadeira”; afinal, o livro se expedia como “o Brasil achado nas ruas”, transparecendo em “contradição com o que foi ministrado em pílulas ao aluno da escola primária, pílulas preparadas nos arquivos entorpecentes e museus falsificados”. Na sequência, Aníbal Machado amplia suas observações: “dessa irreverência e malandragem lírica, reverso da nossa

⁹ Pelas primeiras décadas do século XX, merecem destaque como autores e obras didáticas de adoção: Júlia Lopes de Almeida, com *Histórias de nossa terra* (1906); Alexandrina de Magalhães Pinto, com *As nossas histórias* (1907) e com *Os nossos brinquedos* (1908); a famosa cartilha *Através do Brasil* (1910), escrita a quatro mãos por Manuel Bonfim e Olavo Bilac que, além do ensino da língua, possibilitava o conhecimento histórico-geográfico do Brasil; *A pátria brasileira* (1916), da dupla *beletrista*, Olavo Bilac e Coelho Neto; e, finalmente, Viriato Correa, com *Contos da História do Brasil* (1921). Contudo, como imbatíveis entre o público letrado em geral – e, em especial, entre as crianças – destacam-se os livros de Rocha Pombo, um conjunto composto de dez volumes de *Uma nova História do Brasil* (1915-17), ladeados na popularidade e circulação com os inúmeros títulos de Monteiro Lobato, ambos considerados autores exemplares, edificantes e de bom saber.

¹⁰ Aníbal Machado (1894/1964), “História do Brasil. Murilo Mendes”, in *Boletim do Ariel*, Rio de Janeiro, ano 2, 1932-33, pp. 260-261, também reproduzido em *Parque de diversões* (1994) (MACHADO, 1994, pp. 86-88).

¹¹ José Francisco da Rocha Pombo (1857/1933) foi professor do Colégio Pedro II e também na Escola Normal, no Rio de Janeiro. Tornou-se sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no ano de 1900. Em 1933, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, mas não chegou a tomar posse da cadeira 33. Seu sucessor, Rodolfo Garcia, prestou a seguinte homenagem ao falecido: “Se conferidas as estatísticas das bibliotecas, verifica-se que sua “História do Brasil” é, nessa classe, o livro mais consultado, o mais lido de todos, o que significa popularidade e vale pela mais legítima das consagrações”. Acesso em 26/08/2022 - Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=216&sid=349>>

¹² João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1960/1934), ocupante da cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1898, foi professor de colégios particulares desde 1881 e, em 1887 submeteu-se a concurso no Colégio Pedro II, para o ensino de Língua Portuguesa, entretanto, acabou assumindo a cadeira de História Universal. Dos seus títulos, destacam-se: *Dicionário gramatical* (1889); *Frases feitas, filologia* (1908); *Compêndio de história da literatura brasileira, história literária* (1909). Acesso em 26/08/2022 - Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=699&sid=293>>



mitologia cívica (o Rui Barbosa, o Clemenceau das montanhas¹³, o Santos Dumont) Murilo Mendes tem sido entre nós a expressão diabólica e familiar”; concluindo que o autor “não deixa nada parado em seu lugar” – ou seja, sempre no porvir dos conceitos, sempre dinâmico, mas sempre em precessão. Troças, trocadilhos ou ardilosos apelos propagandísticos à parte, segundo Aníbal Machado, Murilo Mendes parece mostrar que o seu “maior prazer” era, naquela contemporaneidade do início dos anos 1930, “faltar o respeito às coisas chamadas sérias”.

Assim sendo, de modo especulativo e limitado, pode-se favorecer que outro dos possíveis motivos que levaram o autor a preterir a obra 27 anos depois de publicá-la, além do declarado desconcerto estético e do possível desacordo com as intenções editoriais e mercadológicas da época da organização da antologia, é o fato de procurar novos rumos, de traçar novos planos e de decantar atitudes encaradas como mais reflexivas perante a vida – notadamente após sua declarada conversão religiosa, em 1934, e o casamento com Maria da Saudade Cortesão, filha do historiador e acadêmico português Jaime Cortesão, em 1947.

Um dos seus grandes segredos consiste em olhar para o que todo mundo vê e enxergar algo diferente, cortado por seu “olhar armado”, como afirma Murilo Marcondes de Moura (MOURA, 1995, p. 20). Os muitos livros¹⁴ e as diversas faces demonstram que sua copiosa produção literária está preponderantemente ligada aos questionamentos axiomáticos, à

¹³ O Sr. Olegário Dias Maciel (1855/1933), então presidente do Estado de Minas Gerais, fazendo jus ao apelido (reproduzido do estadista francês Georges Clemenceau (1841/1929) devido à astúcia política), retardou seu apoio aos insurretos de 1930, mas quando o fez foi saudado pública e enfaticamente como “general-civil”. Sua premeditada postura reforçou o isolamento de São Paulo no contexto político nacional e precipitou o fim da política do “café-com-leite”. Com a vitória dos correligionários, foi o único dos presidentes (governadores) a ser mantido em seu cargo, uma vez que, para os demais Estados, Getúlio Vargas decidiu-se por nomear interventores federais.

¹⁴ Segundo a edição da Nova Aguilar, organizada por Luciana Stegagno Picchio, a sequência produtiva abrange: *Poemas* (1925-29); *Bumba-meu-Poeta* (1930-31); *O visionário* (1930-33); *Tempo e Eternidade* (1934, em colaboração com Jorge de Lima); *Os quatro elementos* (1935); *A poesia em pânico* (1936-37); *As metamorfoses* (1938-41); *Mundo enigma* (1942); *Poesia liberdade* (1943-45); *Sonetos brancos* (1946-48); *Contemplação de Ouro Preto* (1949-50); *Parábola* (1946-52); *Siciliana* (1954-55); *Tempo espanhol* (1955-58); *Convergência* (1963-66); *O sinal de Deus* (1935-36); *O infinito íntimo* (1948-1953); *Quatro textos evangélicos* (1956); *O discípulo de Emaús* (1945); *A idade do serrote* (1965-66); *Poliedro* (1965-66); *Carta geográfica* (1965-67); *Espaço espanhol* (1966-69); *Retratos- relâmpago* (1ª. série, 1965-66/ 2ª. série, 1973-74); *A invenção do finito* (1960-70); *Janelas verdes* (sem datas); *Conversa portátil* (1931-74); *Ipotesi* (1968, em italiano); *Papiers* (1931-74, em francês).



intersecção de sobre-planos, metafísicos e universais, procurando expressar e compreender conceitos fundadores da existência humana em sua totalidade.¹⁵

3. Os risos: perfis do brasileiro

Ao anunciar o livro no Boletim de Ariel, o próprio poeta ressalva junto ao título a ideia de “Filosofia humorística”, demonstrando a suposição de que, já na época da publicação – considerada tardia, de 1932 – apresentava consciência do nível menor ou inferior da obra em questão, preferindo compreendê-la como um conjunto de chistes, uma sátira de efeito circunstancial.

É de se afirmar, então, a notável semelhança do livro com um curso carnavalesco, no qual situações e personagens históricas, antes imobilizadas nos seus estáticos e convenientes pedestais, desfilam suas vivências alegóricas na proximidade de um modo de ser brasileiro, sem dúvida, debochado e, ao mesmo tempo, caloroso.

Com efeito, um poema satírico não é estruturado para passar incólume; no mínimo, é composto para gerar um pequeno repuxão nos lábios, por muxoxo, ou um virar de nariz, por falta de empatia. O estabelecimento do ataque agressivo (*Angriff*) ou alvo a ser vitimado, da forma indireta (*Indirektheit*) ou técnica a ser utilizada, e da norma (*Norm*) ou código de conduta a ser modificado, quebrado ou exaltado, todos compactuados entre a persona satírica e o seu público, revelam as intenções e pretensões do momento da feitura e, com o uso de ironias, inversões, hipérboles, alegorias, analogias, e outros recursos retóricos, criam imagens variadas que podem ou não serem ainda do agrado público ou da complacência privada.

No geral, os poemas do livro tratam do modo de ser e de proceder do brasileiro, destacando as insuperáveis espertezas, os sagazes arranjos ou apontando os descaminhos dos eleitos como responsáveis pela condução do país e, em contraste, mostrando um

¹⁵ Dentre outras de suas amalgamadas faces, cunhadas e expostas pela crítica, destacam-se a do Surrealismo, a do Catolicismo, a do Memorialismo, e a do Estruturalismo. Diversidade que se constitui em motivo de acirradas contendidas classificatórias – um poeta de tais e tantas facetas, com movimentos de precessão e projeções poliédricas.



afastamento, certa tibieza, ou forçada alienação ou, ainda, um viciado desdém dos brasileiros perante suas opções históricas. Murilo Mendes prepara seus chistes por meio da paródia e da redução.

O chiste é um “dito espirituoso” – *Witz* – e, como a popular “tirada” brasileira, se expressa nas circunstâncias, com duplo sentido, dando ao praticante o *status* de “rápido no gatilho” ou de “inteligente” – rindo do outro ou fazendo o outro rir de outrem ou rir de si mesmo. Essa premeditada celeridade distorce a construção usual do discurso, deixando lacunas, criando impacto e desacomodando a esperada lógica do receptor. Pode-se considerar que um chiste mais elaborado, quer estrutural, quer temático, se realiza com a exigência de um receptor com maior qualidade de decodificação como, aliás, em quaisquer processos comunicativos.

Como no poema “XLIII – Hino do Deputado”, a paródia é um recurso indispensável à sátira, especialmente quando se trata de um texto matriz com inclinação literária. Revolucionária ou conservadora, a ambivalência da paródia se faz por uma repetição, porém uma repetição que inclui diferença porque reproduz com distância crítica, utilizando a ironia para beneficiar ou prejudicar.

Quando o satírico se predispõe a invectivar ou a insultar, ele se pauta por “certa elegância de forma para contrastar a grosseria do conteúdo e um certo domínio da alusão culta para contrastar o insulto direto.”¹⁶ De posse da oportunidade que se apresenta, o texto satírico requer o uso de tropos como eufemismos, anáforas, onomatopeias, hipérboles, sinédoques na condução do seu engenho e na construção da sua fantasia. Em especial, na praticidade específica e momentânea, o uso da ironia desacomoda o receptor, colocando-o na berlinda, porque o embaraça a tal ponto de se deixar enganar pela inversão ou pela diferença entre a mensagem enviada e a pretendida – na aparente simplicidade do afirmar, negando ou do negar, afirmando. Contudo, nem tudo que é irônico é satírico – há necessidade do receptor compactuar com o dissimulador, rindo às custas do preparado engano.

¹⁶ No original: “[...] requiere cierta elegancia de forma para contrarrestar la grosería del contenido y cierto dominio de la alusión culta para contrarrestar el insulto directo” (HODGART, 1969, p. 130).



Um outro recurso da sátira é a redução. Ela é entendida, segundo Matthew Hodgart, como a “degradação ou desvalorização da vítima mediante o rebaixamento da sua estatura e dignidade”. E como isso é feito? Na estatura, construindo imagens com escalas distorcidas e relativizadas, supremas ou ínfimas; na dignidade, articulando argumentos pejorativos e ímpios para atingir o alvo. Ainda segundo o crítico, o tema político predomina na composição satírica. A conduta de um vulto público ou histórico é conformada de tal sorte pelo satirista que a imagem resultante visa destituir seus conchavos e suas manobras, procura remodelar suas atitudes ilícitas; haja vista que, no entender do teórico, “somente a sátira pode soltar ácidos bastante potentes para descompor as posturas mentais que se opõem à dita reforma”.¹⁷

O poema “XLV – Teorema das Compensações” (MENDES, 1994: p. 179) faz aguda crítica ao modo de proceder nas articulações políticas para a obtenção de influências e benefícios:

05 O bicheiro é vereador.
Depende do presidente
Da Câmara Municipal.
O presidente é meio pobre,
Arrisca sempre na sorte,
Ai! depende do bicheiro.

10 O bicheiro ganha sempre
Na eleição pra vereador.
E “seu” presidente acerta
Muitas vezes na centena.

Armado em duas estrofes, alterando causa e consequência, o poema revela que as dependências entre o “presidente da Câmara Municipal” e o “vereador”, que é “bicheiro”, são mediadas pelo interesse do jogo ou jogo do interesse. As manipulações dos dois pleitos públicos, a “eleição pra vereador” e o sorteio do bicho, se assemelham e reforçam o tradicionalíssimo ditado nacional: “é dando que se recebe”, acrescido do tendencioso e coloquial “e cada um dá o que quer e tem”. No entanto, ainda que se cultue o chamado “voto

¹⁷ No original: “ [...] solamente la sátira puede soltar ácidos bastante potentes para descomponer las posturas mentales que se oponen a dicha reforma” (HODGART, 1969, p. 33).



de cabresto”, com vitória assegurada, a piada apresenta certa incongruência no que diz respeito ao processo eleitoral, isso porque a troca de exercício da vereança implica nova escolha, e provável troca também, da presidência do legislativo municipal – a menos do “seu”, cargo com afetivos favores políticos e certos rendimentos econômicos. Seja como for, a graça pode se estabelecer na troca de privilégios e no toma-lá-dá-cá dos quais, no geral, a classe política se serve para estabelecer influências e dar cativada continuidade ao processo; processo com respaldo do diploma e, portanto, legitimado.

Uma eficaz maneira de reduzir é aproximar ao animalesco, tanto na caricatura quanto na fábula ou na anedota, equiparando argúcias e obstinações ao nível irracional, sobretudo quando se trata da imagem de um político: um pavão na fatuidade; um abutre no oportunismo; um pato na parvoíce.

Nesse suposto cortejo de Momo, o poema “XXI – Embarque do Papagaio Real” (MENDES, 1994, p.159) mostra a abrangência do painel espaço-temporal que o livro enfoca e estabelece o modo de proceder de grande parte da classe política brasileira:

- 05 Je suis pobre, pobre, pobre,
Je m'en vais d'aquí.
Esse tal de Napoleão
Vem tomar conta de minha quinta,
Vem tomar minhas pipas de vinho,
Vem tomar meus p'rus,
Meus frangos,
Minhas galinhas d'Angola.
Tô fraco, tô fraco, tô fraco.
- 10 Vou-me embora, vou-me embora,
Vou chupar laranjas,
Vou comer minhas papas,
Vou gozar no Rio de pijama...
Se Carlota minha mulher deixar.

As anáforas e onomatopeias remetem à sonoridade aos trejeitos peculiares de um papagaio, evidenciando seu processo de aprendizagem e seu modo de expressão. Frequente no repertório pilhérico nacional, encarnando posturas que variam da ingenuidade do trocadilho ao descabro da malícia, o papagaio reflete oralmente o ambiente no qual foi

316



criado e expõe detalhes, nem sempre sutis e agradáveis, do seu universo de convívio. Além da fama de tagarela, o papagaio conota a ideia de esperto, fazendo o jogo da conveniência e da sagacidade, ou ainda, em linguagem de agiotagem, torna-se sinônimo de nota promissória, que deverá ser cumprida no vencimento convencionado.

É sabido que a Corte portuguesa pendulou suas simpatias entre Inglaterra e França até o último instante e que, por fim, de modo esperado, fez sua opção de transferir a Corte para o Rio de Janeiro com apoio e pecúlio da esquadra inglesa. O príncipe-regente D. João mostrou-se susceptível aos conselhos dos membros da Corte, sobretudo dos da parte que defendia os interesses ingleses e próprios, e tornar-se-ia afeito ao clima tropical, quente e úmido, caloroso e receptivo – a sequência de verbos “chupar”, “comer” e “gozar” sugerem maliciosamente suas sonhadas ações nas terras do além-mar – caso haja, bem entendido, o consentimento da sua esposa, a espanhola Carlota Joaquina de Bourbon. Aliás, a futura rainha não iria disfarçar seu despreço pelo *modus vivendi* brasileiro quando de sua estada no Rio de Janeiro, de 1808 a 1821. Dizem as más línguas que Carlota Joaquina usava a expressão “quinto dos infernos” para se referir ao Brasil e que, no regresso a Portugal, fez questão de limpar os sapatos ainda no cais com o objetivo de tirar dos pés quaisquer resquícios da terra brasileira. Por ironia, foram os “quintos” do Brasil (o imposto de 20% cobrado sobre o ouro das Minas Gerais) que sustentaram por muito tempo a indolente e faustosa monarquia portuguesa.

O poema sugere que a partida da família real imposta pelas forças napoleônicas apresentou acomodada resolução por parte da Corte portuguesa. Contumaz apreciador de aves (“p’rus” e “frangos”), D. João se mostra animado, cantarolando infantilmente e projetando os gradativos prazeres da e na colônia tropical e, ao mesmo tempo, evidenciando as dificuldades financeiras do reino português, mesmo com as colônias da África – “Minhas galinhas d’Angola. / Tô fraco, tô fraco, tô fraco.

O verso “Je suis pobre, pobre, pobre” retoma uma tradicional cantiga francesa que se inicia por “Je suis pauvre pauvre pauvre / du Marais Marais Marais” e que, como



contraponto socioeconômico, sequencia “Je suis riche riche riche d’la Mairie D’Issy”.¹⁸ Os aspectos lúdicos da cantiga, paronomásticos e onomatopaicos, transformam o bairro parisiense de “Marais”, em “*marré*”, com sentido impreciso na língua portuguesa, a menos da sonoridade. Na evolução coreográfica da cantiga de roda praticada no Brasil, aquele que se coloca como pobre canta os primeiros versos e se desloca para frente do grupo e, depois, recua o mesmo número de passos, repetindo os movimentos. Dessa maneira, na junção do ritmo com a coreografia, a expressão de *marré deci* (ou talvez *je m’en vais d’ici*, estou saindo daqui) associa-se a um movimento de avanço ou de recuo, indicativo do momento político, realizado pelo monarca e típico do préstito carnavalesco, além do casuísta jogo de rico pobre ou de pobre rico tão comum nos pleitos eleitorais.

Apesar da opção pelos ingleses, é no esteio da cultura francesa que a Corte tem sua referência de cidadania e boníssimos hábitos. Tempos depois, em 1816, já rei, o sexto de Bragança, D. João confere à “Missão Francesa” a tarefa de criar no Brasil uma tradição voltada às artes e ciências e aos ofícios práticos. Cumprindo o dito, D. João VI regressou a Portugal em 25 de abril de 1821, deixando seu exemplar e consecutivo legado sociopolítico.

4. Educação: na praça da apoteose ou no final do desfile

Na sua particular visão crítica a respeito do país, o deboche construído por Murilo Mendes não deixa escapar também aspectos por vezes absurdos, por vezes grotescos da política educacional brasileira. A sequência de três poemas, intitulados “LII – Linhas Paralelas”, “LIII – Amostra da Poesia Local” e “LIV – Amostra da Ciência Local” expõe abertamente os descasos administrativos, a incompetência e as limitações artísticas e científicas relativos ao aprendizado escolar e suas inevitáveis, drásticas e retrógradas consequências – modelando falsos, aparentes e provisórios valores.

Em “LII – Linhas Paralelas” (MENDES, 1994: p.184 – 185), o título remete ao absurdo

¹⁸ Marais é um bairro parisiense, famoso por seu espírito boêmio, com comércios e serviços. Antes, constituía-se numa região pantanosa, sujeita às vazantes do rio Sena e, portanto, de baixo valor habitacional. De modo oposto, o bairro de Issy-les-Moulineaux conta com a elegante estação de metrô chamada Mairie d’Issy que tem esse nome porque fica perto da prefeitura de Issy, um dos subúrbios da grande Paris.



e inócuo jogo de intenções políticas que registra, a rigor, o desconhecimento dos dirigentes das reais necessidades e anseios populares:

Um presidente resolve
Construir uma boa escola
Numa vila bem distante.
Mas ninguém vai nessa escola:
05 Não tem estrada pra lá.

Depois ele resolveu
Construir uma estrada boa
Numa outra vila do Estado.
Ninguém se muda pra lá
10 Porque lá não tem escola.

Quando se trata dos interesses da população dificilmente há entrecruzamento de planejamentos ou prioridades por parte dos responsáveis constituídos. Quixotesca, os recursos não são aplicados com o intento de sanar ou de aplacar os direitos básicos do cidadão; no caso do poema, educação e transporte. Primeiro “revolve” e depois “revolveu” invertem o planejamento lógico das atitudes do “presidente”, promovendo resoluções à revelia, que se fixam pela adversativa na primeira estrofe (“mas ninguém vai nessa escola”) e pela conclusiva na segunda (“porque lá não tem escola”), retocando ou remendando um desatino administrativo com outro, em constância viciosa e interminável.

Como reflexo das dificuldades escolares, as artes nacionais – especialmente a literatura e, em particular, a poesia – mostram-se muito simplórias e ingenuamente articulada na visão da *persona*, como nos 5 versos do poema “LIII – Amostra da Poesia Local” (MENDES, 1994: p.185):

Tenho duas rosas na face,
Nenhuma no coração.
No lado esquerdo da face
Costuma também dar alface,
05 No lado direito não.

A aparente cisão estética da “poesia local”, por um lado, é feita com trocadilhos



apoucados e rimas paupérrimas – “face” e “alface”; por outro, mesmo composto com vocabulário parco e conteúdo impassível, procura elaborar, com certo pedantismo provinciano, um precioso encadeamento rimático – “coração” e “não”, no burilado da almejada ourivesaria. Em ambos os lados, por conseguinte, a amostragem coloca em dúvida a própria qualidade do poeta e, também, do aparente gosto do leitor.

Da mesma maneira, a falta de estrutura na educação reserva à “ciência local” um desenvolvimento limitado, infecundo e, até certo ponto, por vezes desesperador, por vezes letárgico – porque tolera interesses e imposições internacionais. É o caso do “LIV – Amostra da Ciência Local” (MENDES, 1994: p. 185-186):

05 O homem vivia tranquilo,
Em paz com a vida e com ele.
Um belo dia, entretanto,
Resolve escrever um artigo
Sobre o Brasil, bem cuidado.
Mas Brasil se escreverá
Com “s” mesmo, ou com “z”?
Ele vai no dicionário:
Dá com “s” e dá com “z”.
10 Telefona à Academia:
“Ninguém sabe não senhor,
Talvez com “s”, ou com “z”.
Tira dinheiro do bolso,
Numas notas vem escrito
15 Com “s” a palavra Brasil,
Noutras vem mas é com “z”,
O homem vai ao vizinho,
Sujeito modesto e sábio
“Não sei dizer não senhor,
20 Só sei que meu filho Pedro
Esteve um ano no Hospício
Porque queria saber
Justamente o que você
Quer saber e não consegue.”
25 O homem perde a paciência,
Tira uma faca do bolso,
Boa faca pernambucana.
— Não quero mais me amolar,
Aqui deve estar escrito
30 “Fabricado no Brasil.”
Conforme estiver aqui,
D’ agora em diante, afinal,



- 35 Mesmo que seja com “s”
(Prefiro que seja com “z”)
Escreverei a palavra;
A faca será juiz. —
O homem olha pra faca,
Meu Deus! era made in Germany.
40 Segura o homem na faca,
A faca enterrou no corpo
E o filólogo morreu.

O método científico esbarra no restrito domínio da própria língua, chegando ao absurdo de não ter certeza quanto à ortografia da palavra Brasil – com “s” ou com “z”? Nitidamente em tom de piada, contando um “causo”, o enunciador de Murilo Mendes recorre ao “dicionário” (ao decantado e referente léxico do idioma português); à “Academia” (de Letras, com certeza – em tese, vigilante instituição de defesa e preservação da língua pátria), à cédula monetária (cunho diário e vulgar dos valores do país), ao vizinho “modesto e sábio” (arrimo da cidadania: no convívio, no exemplo de vida e na edificante troca de informações ou de conselhos) e, depois, apostando na sorte, recorre à faca, “boa faca pernambucana”, elegendo-a como “juiz” – e, súbito, perde a identidade nacional: “made in Germany”! O anticlímax da piada garante a perspectiva do humor, mostrando a degenerescência dos valores nacionais perante o penetrante, largo e profundo corte da ingerência estrangeira.

O verbo amolar – de “não quero mais me amolar” ganha ambiguidade entre afiar, refletir e aborrecer-se e, ao término do poema, invoca a imolação do tenaz “filólogo”, expondo uma significativa e modorrenta “amostra” da ciência brasileira.

Encarar o mundo pelo desprendimento da sátira, com uma mistura de risos, indignação e prazer, crítica e fruição, não foi, não é e nunca será um ato sublime, digno de ser exposto como conquista ou apresentado como souvenir afetivo e, talvez por isso, as obras artísticas resultantes dessa peculiar maneira de interagir sejam efêmeras e datadas. No entanto, por ser assim tão mesquinha, repetitiva e fugaz nas suas intenções e gestos, tão pulverizada no cotidiano, que a sátira se faz constante e presente, em fluxo contínuo, com infinitas realizações em cada momento da história humana – não há períodos, por mais limitadores e impositivos, nos quais a sátira não circulou a contento.



Ela se inicia perante o constatar do vício ou da estupidez – por isso a política é um prato cheio - e, com certo impulso agressivo, de ataque, destila sua opinião de excelência, professoral, rebaixando ou ridicularizando o seu alvo e, assim, procurando se completar ao encontro da também suposta superioridade do receptor. Matthew Hodgart diz que a sátira descobre “jardins imaginários com sapos de verdade” e, de fato, a veleidade do domínio da situação, a fatuidade em resolver os problemas do dia-a-dia e a visão fantástica de um mundo transformado trazem a sensação de um apuro, de uma correção aplicada àquela situação que a princípio era incômoda. Para promover tais ajustes, ela precisa de engenho e, no caso específico da sátira literária, de um engenho articulado de maneira destacada e convincente, com tropos envolventes, lançando apelos agudos e judiciais para angariar simpatias. Serve-se, então, dos mais variados recursos retóricos, misturando gêneros e situações espaço-temporais, sem se preocupar com a coerência ou com a logicidade de suas atitudes. E, de modo rotineiro, destruindo normas e, ao mesmo tempo, construindo outras, a sátira sobrevive no que é possível ao homem.

5. Um arremate: nota 10 em nem todos os quesitos

No artigo intitulado “A História do Brasil”¹⁹, veiculado no “Jornal do Brasil”, edição de 3 de junho de 1933, à página 5, Mucio Leão coloca a seguinte pergunta e, ato contínuo, já discorre sobre ela:

Será a história do Brasil uma coisa absolutamente interessante?

Quando a gente é aluno do ginásio, pode acreditar em tudo, menos na conveniência ou no divertimento de aprender a história pátria.

Fatigam-nos as biografias daqueles portugueses que vieram para aqui nos primeiros tempos, colonizar-nos. Fatigam-nos aquelas guerras miudinhas de reinóis contra índios. Fatigam-nos aqueles peris e ubirajaras sem finura de apetite, que foram capazes de transformar em manjar um bispo luso.

¹⁹ Crítica de Mucio Leão (1933), estampada na página 5 do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. O artigo está devidamente autorizado pela “Casa Brasil Empreendimentos Culturais e Editorias Limitada”, responsável pelo conteúdo editorial do “Centro de Documentação e Pesquisa do Jornal do Brasil”, na representação de Eliane Lóss, em 27/05/2016.



Quando crescemos, o senso crítico mostra que o instinto fora sábio na apreciação que fizera. E reconhecemos, com pesar, o vazio da nossa história.

Tal fadiga demonstra o enfado (ou mesmo, a preguiça) de lidar com a “história pátria” e absorvê-la em seus aspectos essenciais, até porque a qualidade dos assuntos não satisfaz o desejo de fazer parte dos centros dos acontecimentos – afinal, sempre fica o estigma do colonizar/colonizado – e não contempla o modelo imaginário de grandes aventuras e heroísmos. Sem dúvida, o reconhecimento pesaroso do “vazio da nossa história” se faz presente porque atende aos desejos de uma casta poderosa, que nem sempre está interessada em buscar suas origens e características por meio da instrução e do empenho, até porque essa condição de poder é muitas vezes estabelecida de maneira pouco lícita e à revelia da capacidade pessoal ou intelectual. Traços como vulgaridade e frouxidão, petulância e ociosidade, oportunismo e puxa-saquismo forjam os que circulam por essas paragens e reproduções, tão diversos e contrários quanto distantes da imensa maioria dos brasileiros.

Na sequência do artigo, Mucio Leão destaca, com um quê de soturnidade e de continência, a acomodação e o desinteresse pela história do país:

Um meu amigo, que é professor dessa disciplina, define-a com as palavras: “A história do Brasil é uma crônica sem interesse, cheia de fatos pequeninos e de nomes enormes”. Possivelmente, muita gente, lendo estas palavras, se sentirá ferida em seus melindres patrióticos. Mas eu creio que nesse sentimento é que reside uma das causas essenciais da inferioridade da nossa história. Por um mal compreendido senso de patriotismo, o brasileiro facilmente se contenta com o que tem. Daí não procurar ter coisas melhores. Sempre foi assim. Já é tempo de sabermos fazer, mesmo pelo amor que temos ao Brasil, uma apreciação exata acerca do que possuímos.

Observações de época, datadas, que não deixam de ter validade ainda hoje – talvez, ainda mais acirradas e ainda mais sintomáticas. E, na mesma toada, o crítico exalta a iniciativa do poeta em pontuar as pátrias lições, em realizar um “compêndio da matéria” com outra metodologia, um “novo sistema de encarar a crônica da vida brasileira”:



Ora, Murilo Mendes resolveu olhar de frente a história do Brasil e escreveu um compêndio da matéria, tal como a matéria deve ser tratada.

Ele conhece bem a psicologia do povo.

Meditou muito sobre o esplendor das batalhas que temos tido em guerras várias. Estudou a fundo a alma dos nossos heróis.

O Brasil lhe aparece desde tempos remotos, anteriores aos portugueses. [...] E a série de interpretações e revelações é longa. [...] Colônia. Primeiro reinado. Maioridade. Guerra do Paraguai. O espírito de tudo isso aqui está, com interesse novo. Chegamos ao dia 15 de Novembro. Murilo Mendes dedica à proclamação da República este soneto:

Seu Deodoro, tem gente,
Mas já sai agora mesmo.
Pensa que não tenho sangue?
Eu tenho sangue, mas frio.

Cedo o império brasileiro
Ao dito das circunstâncias.
Só levo daqui saudades.
Justiça aguardo de Deus.

Pensão não quero, obrigado.
Tratem bem de meus moleques.
Estou fazendo um soneto:

O papel está acabando
Chego já no último verso,
Já lhe cedo o meu lugar.²⁰

Irreverência com o velho rei morto? Claro. Mas também há no livro notáveis irreverências com gente viva, que está forte, que não faz sonetos...

Pouco sei de história, para poder ter sobre os métodos que inspiraram este livro uma impressão exata e razoável.

O meu mestre João Ribeiro, com seu largo saber, é quem nos há de dar o juízo dos doutos sobre este novo sistema de encarar a crônica da vida brasileira.

E, de fato, “a série de interpretações e revelações é longa” no *História do Brasil*, mas repetitivas e postergadas na história do Brasil. Com as devidas precauções, os poemas do livro de Murilo Mendes ainda apresentam vibrações acaloradas e vorazes nos dias atuais. Podem não ser tão divertidos ou digestivos como foram ou pretenderam ser, mas induzem o leitor a refletir a respeito do Brasil, a pensar o que se caracteriza como sendo autenticamente brasileiro.

²⁰ “XXXV – Soneto do Dia 15” (MENDES, 1994, p. 169).



Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Zahar/FGV, 1999.

BOUDIN, Max Henri. *Dicionário de tupi moderno: dialeto tembé-tênêthar do alto rio Gurupi*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

HODGART, Matthew. *La sátira*. Trad. A. Guillén. Madrid: Guadarrama, 1969.

LEÃO, Mucio, A história do Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 de junho de 1933, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&PagFis=33418&Pesq=murilo%20mendes%20M.%20P. Acesso em 11/09/2022.

MACHADO, Aníbal. "História do Brasil", in *Parque de diversões*, Belo Horizonte: UFMG, 1994.

MENDES, Murilo. *História do Brasil*. Organização, introdução e notas de Luciana Stegagno Picchio, 3ª. impressão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

MENDES, Murilo. *Poesias 1925-1955*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOURA, Murilo Marcondes. *A poesia como totalidade*. São Paulo: Edusp, 1995.

NAVA, Pedro. *O círio perfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1983.

TRIQUES, Fernando Tadeu. *Desleitura de História do Brasil (1932), de Murilo Mendes*, 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2016. Disponível: <https://www.ppglit.ufscar.br/pt-br/assets/arquivos/dissertacoes/35fernandott.pdf>. Acesso em 02/10/2022.

